

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO



Bolsonaro em comício em Goiânia

Uma direita dividida... e errática

Nos últimos dias antes do primeiro turno no domingo (6), o senador Vanderlan Cardoso (PSD-GO) começou a receber ligações de pastores evangélicos que antes estavam com ele. "Aqui na minha igreja, já não consigo mais nenhum voto para você", era o recado que recebia. Vanderlan, que aparecia competitivo em todas as pesquisas para a prefeitura de Goiânia, acabou no

final amargando o quinto lugar na disputa. Seus votos correram todos para Fred Ferreira, o candidato do PL. E isso aconteceu especialmente depois que desembarcaram na capital de Goiás o ex-presidente Jair Bolsonaro e sua mulher, Michelle. Goiânia é um exemplo do peso que teve o apoio de Bolsonaro. O problema é que esse apoio foi muitas vezes errático.

Divisão

E isso pode ser um dos pontos que levou a um acirramento da divisão da direita. Em diversas cidades, a subida de candidatos da direita aconteceu com prejuízo de outros nomes da própria direita. Uma divisão que se explicitou especialmente a partir de São Paulo.

Malafaia

Na entrevista que deu à colunista Mônica Bergamo, na Folha de S. Paulo, o pastor Silas Malafaia não poupou críticas pesadas a Bolsonaro. Acusou-o de omissão por não ter dado apoio mais explícito ao prefeito Ricardo Nunes (MDB) em São Paulo, aprofundando a divisão.



Marcello Casal Jr Agência Brasil

Valdemar reclama da dificuldade de combinar o jogo

Valdemar chegou a ventilar jogar a toalha no PL

A falta de uma estratégia mais combinada da participação de Bolsonaro ou não nas campanhas gerou tal estresse que na última semana antes da eleição, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, chegou a declarar que cogitava passar o comando do partido para o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Depois, ele mes-

mo deu declaração no sentido contrário. Duas interpretações surgiram. A primeira é que teria sido um desabafo. A segunda é que teria sido um balão de ensaio. Valdemar é o dono do PL há 24 anos, desde a morte de Alvaro Valle. Não abriria mão disso. Valdemar já reclamara como é difícil combinar as coisas com Bolsonaro.

Caiado

No caso de Goiânia, a intenção de Bolsonaro parecia clara: evitar uma vitória do governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), na sua casa. Caiado é um dos nomes que ambiciona ocupar o espaço da direita na ausência de Bolsonaro, que está inelegível.

São Paulo

Mas em São Paulo, por que Bolsonaro se omitiu, como reclama Malafaia? Terá Bolsonaro medo da sombra também do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos)? Será que ele pretendia desestimular também seu crescimento como opção à direita?

Bolsonaro

No campo da direita, a avaliação que se faz é que Bolsonaro teme perder o comando do processo político à direita fora do jogo, por estar inelegível. Quem ocupar esse espaço pode passar a dar as cartas em seu lugar. Aceitar isso não cabe no seu temperamento.

À revelia

O problema é que isso pode acabar acontecendo à revelia de Bolsonaro, pela própria dinâmica do processo. Nesse sentido, a ascensão de Pablo Marçal (PRTB) em São Paulo foi um sinal de que o risco é mais do que evidente. A omissão, assim, é mau caminho.

Gabriel Galípolo é o novo presidente do BC

Ele foi aprovado por unanimidade na CAE e folga no plenário

Alessandro Dantas/PT do Senado

Por Gabriela Gallo

Sem resistência, o plenário do Senado Federal aprovou, nesta terça-feira (8), a indicação de Gabriel Muricca Galípolo para assumir a presidência do Banco Central (BC). A indicação foi aprovada por 66 votos favoráveis, cinco contrários e nenhuma abstenção.

Ele entrará no lugar de Roberto Campos Neto em janeiro de 2025 e atuará no posto por quatro anos. Pouco antes da sessão em plenário, o economista também teve seu nome aprovado por unanimidade na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) da Casa, por 26 votos favoráveis e nenhum contrário.

"Existem numerosos desafios pela frente, como a consolidação de uma agenda capaz de criar uma economia mais equânime e transparente, capaz de combinar maior produtividade e sustentabilidade, o que envolve o compromisso permanente do Banco Central no combate à inflação", afirmou Galípolo durante sua participação na CAE.

Autonomia

Questionado pelos senadores, ele ainda disse que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva garantiu que ele terá liberdade e autonomia no desempenho de sua função e em suas decisões, para que ele se oriente pelo interesse do bem-estar da população.

Indicado por Lula, a aprovação de Galípolo era esperada, devido a seu histórico dentro do próprio Banco Central. Embora tenha a confiança do governo, Galípolo é oriundo do mercado financeiro, e contava, assim, com simpatia mesmo



Galípolo afirmou que Lula lhe garantiu autonomia no BC

entre os senadores mais conservadores.

Em julho do ano passado, ele já tinha sido sabatinado no Senado para assumir o posto de diretor de Política Monetária do BC, também tendo sido aprovado na ocasião sem problemas. Em seu tempo de atuação no cargo, buscou ser um consenso entre a instituição e o governo federal – especialmente em meio às críticas do Executivo contra Roberto Campos Neto na política do Banco Central com relação à taxa de juros. Em nenhum momento, nas suas participações no Comitê de Política Monetária (Copom) do BC, Galípolo divergiu de Campos Neto quanto à política de juros.

Juros

Curiosamente, um dos poucos votos contrários acabou sendo, por isso, de um senador

da base do governo. O senador Marcelo Castro (MDB-PI) votou contrário à indicação do Gabriel Galípolo. O parlamentar defendeu que nenhum presidente do Banco Central deveria ser nomeado enquanto não apresentasse alternativas para reduzir as altas taxas de juros cobradas pelos bancos brasileiros.

Para o senador, nenhum diretor do BC que foi ao Senado concedeu uma resposta satisfatória. O mesmo se aplicou a Galípolo, que se encontrou com o parlamentar dias antes de sua sabatina. Dessa forma, Marcelo Castro se posicionou contrário à indicação até que algum candidato "deixe de trabalhar para meia dúzia de banqueiros" e passe a trabalhar para a população.

"O que nós podemos esperar? É que o Banco Central continue a ser como vem sendo

há décadas, agindo em detrimento da sociedade brasileira. Votei contra esse, votei contra o do passado [Campos Neto] e votarei contra o do futuro, não quero saber quem é. Tenho o compromisso comigo mesmo de votar contra qualquer diretor enquanto ele não corrigir esses dois problemas graves: as taxas e os juros", reiterou o parlamentar.

O senador Eduardo Braga (MDB-AM) também criticou as taxas de juros ligadas ao rotativo do cartão de crédito. Porém, em contrapartida, o senador disse que votou favorável à indicação do economista por "ter esperança" de que ele seguirá dando continuidade às políticas econômicas do que ele julgou serem "os três pilares para a economia brasileira": o rotativo de cartão de crédito, políticas para os microempreendedores e o cheque especial.

Vantagem do PSD nas eleições pode favorecer Antônio Brito

Mario Agra/Câmara dos Deputados

Por Gabriela Gallo

As eleições para a presidência da Câmara dos Deputados passam a ganhar um novo capítulo após as eleições municipais.

Após o resultado do primeiro turno, o presidente do PSD, Gilberto Kassab, declarou, nesta terça-feira (8), que as vitórias dos partidos de centro-direita – PSD, União Brasil e MDB – poderão produzir nova reviravolta na sucessão de Arthur Lira (PP-AL), recolocando com mais força no jogo os nomes de Antônio Brito (PSD-BA) e Elmar Nascimento (União Brasil-BA), em detrimento do preferido de Lira, Hugo Motta (Republicanos-PB).

Nova volta

É mais uma volta no acirrado jogo interno na Câmara. Enquanto a sucessão no Senado parece mais tranquila, com o favoritismo do presidente da Comissão de Constituição e Justiça, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) para suceder Rodrigo Pacheco (PSD-MG), na Câmara, o cenário já mudou várias vezes.

No início, o preferido de Lira era Elmar Nascimento. Mas, avaliando que ele não teria chances, Lira passou a apostar no líder do Republicanos, Hugo Motta, como solução de consenso, após a desistência do vice-presidente da Câmara, Marcus Pereira (SP), também



Força eleitoral do PSD recoloca Brito no jogo

do Republicanos. Lira, então, anunciou oficialmente Motta como o seu candidato.

Mas esse "consenso" não foi combinado nem com o União Brasil, de Elmar, nem com o PSD de Kassab e Antônio Brito. Os dois partidos resolveram se unir numa estratégia de apoio mútuo: firmou-se um compromisso de que Brito e Elmar apoiariam um ao outro, cedendo o lugar para quem parecesse mais forte em fevereiro, quando acontece a sucessão de Lira. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ainda não declarou apoio a nenhum candidato.

Todavia, os resultados das eleições municipais mudaram o cenário. Dos 5.516 municípios

brasileiros que participaram das eleições, 886 prefeitos eleitos foram do PSD (sendo três capitais e dois candidatos disputando o segundo turno), 852 são do MDB, 749 do PP e 585 do União Brasil – o equivalente a 55,6% dos municípios brasileiros. Diante desse quadro, Kassab acredita que o caso abre novamente a discussão, dando vantagens à aliança PSD-União Brasil.

Avaliação

Ao Correio da Manhã, a mestrandia em poder Legislativo no Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor) da Câmara dos Deputados Gabriela Santana explicou que a vantagem numé-

rica do PSD é uma influência importante para estabelecer a base das eleições nacionais e do Congresso Nacional em 2026, inclusive para o governo federal.

"O PSD volta muito fortalecido para o jogo da política nacional. O Kassab é um homem estratégico e o PSD é um partido extremamente fisiológico, em alguns lugares ele é coalizão com o PT. Então para o governo isso é relevante, pensando que o PT não investiu tanto em fazer novos prefeitos, eles investiram em coalizões. Apesar de ter tido um crescimento em número de prefeitos no país", explicou.

Moeda de troca

Santana, que também é advogada, ainda destacou que os partidos também fazem coalizões para deputados federais, e os apoios municipais podem ser usados com uma moeda de troca para eleger Antônio Brito para assumir no lugar de Lira.

"Se você tem o apoio de uma prefeitura do PSD numa cidade onde é o seu reduto eleitoral, isso também é uma forma de uma barganha de voto dentro do Congresso Nacional. 'Se você votar no meu candidato, que é o Antônio Brito, você vai ter o apoio ali da prefeitura da minha cidade'. Então, ele [PSD] consegue até articular ali com os deputados federais apoio e voto para o candidato dele", completou.